

# JANUSZ KORCZAK

## O amor pedagógico

Ricardo Câmara Baptista

Prof.<sup>a</sup> Tatiana Brocardo da Rocha

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Licenciatura em Pedagogia (PED 0320) - Temas Transversais: Ética

06/07/12

## RESUMO

*Janusz Korczak aliou psicologia, pedagogia e medicina para compreender de forma única o mundo do infantil, principalmente das crianças abandonadas. Seus métodos buscavam aliar afetividade e educação formal, sendo uma grande referência como educador humanista. Este artigo pretende analisar o contexto histórico em que o educador vivia e sua influência na execução de suas ideias. Propõe também uma reflexão em torno de uma educação humanizada, da necessidade ou não de ensinar valores segundo uma moral presumida. Trata ainda do processo educativo integral, onde a criança apreende o mundo a sua volta de diversas maneiras, seja por um currículo normal ou pelo trabalho em conjunto. Conclui-se que é ponto importante o pedagogo inquirir sobre sua própria prática educativa e sua motivação final, ou seja, a quem está educando e para que mundo está educando.*

**Palavras-chave:** Pedagogia. Humanista. Korczak. Educação.

## INTRODUÇÃO

Este artigo pretende trazer alguns pontos da vida e obra do médico e pedagogo judeu-polonês Janusz Korczak, que exerceu durante 30 anos o papel de pai de mais de 300 crianças ao longo de duas guerras mundiais. Seu exemplo vivo de amor ao ser humano na figura da criança e a preocupação constante com o seu desenvolvimento e com o respeito aos seus direitos o sagraram um ícone da pedagogia humanista.

A pesquisa centrou-se na sua biografia, mas também buscou conexões com outros autores que partilham do mesmo ideal. Percebe-se que o ilustre professor tinha em mente que a formação do ser humano era abrangente, ou seja, pretendia ele que a criança desenvolvesse seu potencial

criativo, afetivo e também que tivesse consciência de si e dos outros. Para tal, criou ele mecanismos que tornaram o orfanato-escola uma pequena democracia em meio a agressividade da guerra.

Enfim, percebe-se que falta ainda muito para que compreendamos a complexidade do mundo da criança, mas que uma das vias para esse entendimento passa por esta relação de afeto que Korczak tão bem soube construir.

## **JANUSZ KORCZAK**

“A vida de Janusz Korczak é tão tocante que, ao contá-la, é necessário evitar a ênfase patética que se impõe, a fim de permanecer-se fiel àquele sobre o qual falamos.” (SCHARF, 2008)

Nascido na Polônia, em 22 de julho de 1877, numa família de eruditos judeus assimilados (ARNON, 2005, p. 11), ou seja, integrados a pátria que habitavam, com o nome de Henryk Goldszmit foi um educador na mais profunda acepção do termo.

Cresceu em um ambiente culto e protegido até certo ponto das intempéries do mundo. Até sua adolescência era-lhe desconhecido o peso de ser judeu e que isto o tornava diferente aos olhos do mundo.

Desde cedo manifestava um pendor para a literatura, que exerceu mais além, porém, depois da morte de seu pai, entrou na universidade para cursar medicina, a custo de muitos esforços, inclusive passando fome, o que não o impediu de abraçar a carreira de modo exemplar.

Manifestava principalmente um interesse grande pelo mundo da criança, com ênfase as crianças abandonadas e órfãs devido a guerra, mas acima de tudo, por compreender o mundo da criança.

Adquiriu grande experiência trabalhando voluntariamente em hospitais e orfanatos por toda a Europa, para enfim, criar em 1912 o famoso instituto na Rua Krochmalna, nº 92, que a princípio seria um orfanato judaico, mas que logo se tornou um orfanato para crianças de todo o mundo. Daí em diante, a figura do médico, do escritor e do pedagogo fundiu-se na de educador.

Neste orfanato dedicou-se inteiramente por absorver o mundo da criança, não apenas das crianças doentes, mas “o mundo físico e intelectual de crianças saudáveis em todos os seus aspectos, com seus processos de desenvolvimento e suas inter-relações com o ambiente” e justamente esta sua visão do ser em estágio peculiar ou especial de desenvolvimento que fez toda a diferença aos seus educandos.

A Europa vivia a essa época o espectro crescente do antissemitismo e uma situação econômica caótica, com índices de pobreza e violência alarmantes, sendo que as crianças órfãs ou marginalizadas da época eram tratadas como doentes ou como inúteis para a cadeia produtiva. Esta postura encontrava ressonância na medicina, pois que não havia preocupação em entender profundamente as disposições psicológicas da criança e, antes disso, buscava-se um remédio ou solução mais imediata e contundente.

Em 1917, ocorre uma das primeiras perseguições contra judeus na Rússia, que seria o estopim para outros e que iria consolidar o futuro discurso nazista. Famílias judias eram desfeitas e o número de órfãos era alarmante, como também crescia a chamada “doença” da delinquência juvenil. Considerava-se que os jovens sem família eram perdidos para a sociedade.

Korczak lamentava, segundo a sua prática médica, que a própria medicina estivesse sem munição para lidar com a teia social no qual a criança desvalida estava inserida, dizia: “Uma colher de óleo de rícino não é cura alguma para a pobreza e a falta dos pais.” (ARNON, 2005, p. 36)

Percebia-o, que mesmo em uma época sem guerras, a criança era entendida como um adulto em miniatura, não havendo respeito ou consideração para o desenvolvimento dos seus potenciais. Porém, o deflagrar das constantes crises, algumas eclodindo em guerras, das primeiras 3 décadas do século XX, trouxeram a face mais dura no tocante ao mundo da criança.

Essas crianças frequentemente nutriam memórias inconscientes de abuso de autoridade parental, o que alterava todas as suas atitudes frente a autoridade com medo e fantasias silenciosas. Memórias deste tipo invariavelmente tinham seu efeito na confiança da criança em relação ao mundo adulto. (ARNON, 2005, p. 37)

Dedicado então a construir em meio a estes escombros sociais um local onde a criança pudesse ser compreendida, o educador começou a delinear um conjunto de práticas que, embora jungidas ao contexto da época, encontram ressonância profunda no que tange as teorias de afetividade em relação a criança.

Delicadamente esboçava-se a partir daí, a expressão “amor pedagógico”, que engloba não a resposta natural que o adulto tem em relação à candura de uma criança, também não um sentimentalismo que finge acolher, mas segrega, mas, sim, algo muito mais amplo. Conforme (ARNON, 2005, p. 38) “O amor deve ser um acompanhamento para as atividades do educador [...]

Longe do fatalismo biológico (ARNON, 2005, p. 39) que se poderia esperar de um médico e psicólogo, Korczak acreditava numa relação de respeito e conseqüentemente em uma aceitação do educador pela criança, formando-se assim um ambiente de confiança mútua. Longe também de acreditar no determinismo genético, entendia que a responsabilidade e os valores deveriam partir

tanto dele mesmo quanto dos próprios alunos, ainda que estes tivessem um passado sombrio e construído relações com o mundo sob bases sem afeto.

Segundo ARNON (2005, p. 39) “o amor pedagógico rejeita toda autoridade que é meramente imposta de cima”

Acreditava que a coerção e o excesso de autoridade muitas vezes mascaravam uma preocupação excessiva do professor com sua própria tranquilidade, sendo que muitas das regras e práticas supostamente disciplinadoras da época eram falsamente apregoadas como sendo benéficas a criança, quando na verdade não passavam de mera contenção sem significado pedagógico.

Nota-se alguma nuance do pensamento filosófico socrático em suas práticas e ideias quando o educador Korczak crê que o mundo seria transformado pelo transformar do indivíduo, e este, deveria ter (ARNON, 2005, p. 46) “um mínimo necessário de humanidade sem o qual a vida não pode ser vivida”.

## MÉTODOS

A pedagogia escolar deve estar ciente, por um lado, de que não é a única instância educativa, mas, pelo outro, não pode renunciar a ser aquela instância educacional que tem o papel peculiar de criar conscientemente experiências de aprendizagem, reconhecíveis como tais pelos sujeitos envolvidos. Para adquirir essa consciência deve estar atenta, sobretudo, ao fato de que a corporeidade aprendente de seres vivos concretos é a sua referência básica de critérios. (ASSMANN, 1998, p 26)

O conceito de corporeidade, enquanto instância de necessidades e desejos, levando o ser humano a buscar conhecimento, a construir esse conhecimento conforme seu “corpo de referenciais” apesar de ser mais recente, não era de todo desconhecido de Korczak. Sabia ele, que a criança saudável, física e psiquicamente, poderia expressar-se com muito mais naturalidade e liberdade do que aquela que havia sido tolhida em sua sensibilidade e psiquismo. As crianças de Korczak traduziam o ambiente hostil que haviam experienciado, e, o seu ideal de trabalho era devolver a elas o seu mundo, o mundo infantil.

Se pudéssemos avaliar o método de Korczak para desenvolver/devolver a sensibilidade, a expressão dos sentimentos as crianças, perceberíamos que não há propriamente um método, pois não há limites precisos entre o começo de uma ação profilática e outra terapêutica, sendo em sua maioria empíricos. Sua tarefa de reconstruir/desconstruir o mundo interno dos seus alunos era mais que ressignificar práticas pedagógicas, ele preocupava-se em prevenir e curar estas feridas psíquicas. Para isso, usava de métodos pouco usuais.

A título de exemplo da parte profilática, cita-se a controversa prática chamada “liberdade para lutar” (ARNON, 2005, p. 47), ou seja, as crianças do lar eram lícitas resolver certas questões conflituosas por meio de embates diretos. Porém, havia todo um procedimento e regras específicas para que esta luta fosse uma forma de expressão e um alívio de tensões, como por exemplo um registro escrito do motivo da luta, a igualdade entre os contendores, a proibição de golpes baixos ou perigosos ou qualquer tipo de objeto que se assemelhasse a arma. Esta sanção ao direito de lutar eliminou praticamente todas as vinganças que aconteciam às escuras. Mas, além disso, antes de legitimar a violência como solução para os conflitos, este método dá vazão à agressividade natural de forma que ela não se acumule no psiquismo para explodir posteriormente de forma colérica e destrutiva. Era comum que as lutas começassem e terminassem sem efetivamente nenhum contato físico, como se esse arremedo ou dramatização fossem suficientes para sanar os conflitos.

Recentemente em um simpósio sobre psicomotricidade (PEÇANHA, Geraldo, 2012) foi relatado um episódio semelhante pela aparente excentricidade do método, que à primeira vista fere os princípios pedagógicos mais básicos. Conta o referido professor que exercendo estágio em uma escola inclusiva na Alemanha, deparou-se com a inusitada presença de três biombo em frente a alunos autistas. Por vezes, os mesmos os fechavam, ficando completamente isolados do resto da classe. A cena, que evoca aparentemente um reforço ao preconceito contra os diferentes trouxe uma explicação profunda e amorosamente pedagógica: o autista, em maioria, tem dificuldade de contato, de fixar o olhar no outro, de estímulos concorrentes, portanto, pensando assim, os professores idealizaram os biombo, para que a cada vez que os alunos sentissem a necessidade de “isolar-se” do mundo que os agride os sentidos, pudessem fechar o biombo e seguissem escutando a aula.

A ideia tem surtido efeito benéfico, tanto que os alunos já decoram a parte interna dos respectivos biombo com suas marcas pessoais, na forma de desenhos, rabiscos, letras, criando assim um “ambiente” acolhedor e protetivo.

## **O TRABALHO**

“O conhecimento não é recebido passivamente, através dos sentidos ou por transmissão, mas é algo construído ativamente pelo sujeito cognoscente” (ASSMANN, 1998, p. 110)

Outro ponto fundamental no sistema educacional idealizado por Korczak era o trabalho. Na casa-lar cada criança era responsável por tarefas de acordo com a sua idade e tinha direito a uma espécie de remuneração por isso: os créditos. Este sistema de créditos funcionava de forma cumulativa, com metas específicas, sendo que cada vez que a criança atingia um patamar de habilidade ou resolução das tarefas, era incentivada a assumir outras cada vez mais complexas,

gerando créditos maiores, que funcionavam na forma de privilégios e que constituíam um alicerce do posto de trabalhador.

A finalidade deste trabalho era justamente terapêutica, pois (ARNON, 2005, p. 49) visava inculcar na criança a crença nas suas próprias habilidades.

## **AMOR PEDAGÓGICO**

Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. (FREIRE, 1996, p.144)

Um amor pelo ser que está aos seus cuidados, de uma forma desinteressada. O educador imbuído deste sentimento propõe desafios para que a criança evolua. Este educador tem em mente que toda criança tem o direito ao seu melhor, ou seja, que o professor proporcione com o máximo de si mesmo um ambiente e uma relação de confiança mútua e troca de saberes para que o seu aluno se desenvolva livre e pleno. Korczak acreditava que o amor pedagógico traria o adulto para dentro do mundo da criança, que no momento que esta o aceitasse em seu mundo, haveria uma relação de confiança, onde o adulto daria o suporte psicológico necessário sem imposições ou disciplinas que servem mais para condicionar do que construir conhecimento e afeto.

## **AUTOGESTÃO**

“Ser independente é coisa de muito poucos.

É um privilégio dos fortes.”

(NIETZSCHE, 2008, p. 55)

Importante ponto era para Korczak que as crianças da casa-lar pudessem ser ouvidas em suas queixas, não importando se pueris ou não, o mundo da criança é tão importante quanto o do adulto. Esta visão naturalista da pedagogia, semelhante à de Rousseau, emprestava a casa-lar uma ar de encantamento e liberdade.

Para que este respeito atingisse o seu objetivo foi criado uma espécie de júri ou tribunal, composto por outras crianças. Este contrato social aparentemente utópico era sólido e real. Nos “julgamentos”, procurava-se primeiramente perdoar e entender o acusado e acolhê-lo para que não reincidisse na ação que originou a situação.

Este acolhimento não era, conforme FOUCALT (2010, p.164) exercido através de um poder disciplinar adestrador, que tolhe a expressão ou os impulsos que levaram a criança a transgredir uma norma ou regra criada pela própria gestão das crianças. Korczak, como Rousseau acreditava que a criança era autocorretiva, portanto, mesmo com o peso do nome de *júri* ou *tribunal*, as sanções que ocorressem eram na intenção de internalizar ou canalizar sentimentos e impulsos ao rumo natural da criança.

## **ENSINAR PELAS COSTAS**

“Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo.”(FREIRE, 1996, p. 34)

Como já explicitado anteriormente, a casa-lar era um misto de orfanato e escola, um ambiente para cerca de 200 crianças e Korczak considerava que além dos estudos formais, as crianças pudessem também aprender sobre a vida, tendo assim, as tarefas desta casa divididas entre elas próprias. Porém, era comum ver o próprio Korczak lavando banheiros e polindo móveis, pois todo o trabalho designado a cada criança, teve nele seu primeiro executor.

Pensava ele que era benéfico às crianças assistirem e aprenderem com ele as coisas mais básicas: varrer o chão, engraxar sapatos e ele mesmo os executava com afinco, exemplificando que toda ocupação era útil e proveitosa.

## **ESPERANÇA**

Torna-se imperioso lembrar que este caldeirão experimental de psicologia e pedagogia estava no tempo e no espaço devido. Enquanto as crianças de Korczak cresciam livres e conscientes, a bestialidade da guerra contaminava a Europa. As perseguições aos judeus tomaram um caráter cada vez mais violento.

De um lado, o ódio, o interesse econômico, ideológico e a loucura dos homens que predam outros homens. De outro, uma experiência rica que visava o direito de ser criança, o direito de ser humano.

Janusz Korczak lutou até o fim para que suas crianças aliassem o conhecimento a uma espinha dorsal moral (ARNON, 2008, p. 46), para que o cabedal científico acumulado fosse humanizado.

Faz-se necessária a lembrança da importância de uma cultura humanizada, pois embora as especulações que pairam até hoje de como foi possível o povo alemão aderir às ideias de um louco,

a história nos mostra que o pensamento de Hitler encontrou eco justamente na classe média, a classe culta, nas universidades. A propósito, o relato de um sobrevivente traduz com exatidão esta questão:

‘Caro professor’

Eu sou um sobrevivente de um campo de concentração. Meus olhos viram o que nenhum ser humano deveria testemunhar.

Câmaras de gás construídas por engenheiros ilustres

Crianças envenenadas por médicos altamente especializados

Recém-nascidos mortos por enfermeiras diplomadas

Mulheres e bebês assassinados e queimados por gente formada em ginásio, colégio e universidade.

Por isso, caro professor, eu duvido da educação.

E eu lhe formulo um pedido:

Ajude seus estudantes a se tornarem humanos. Seu esforço, professor, nunca deve produzir monstros eruditos e cultos, psicopatas e Eichmans educados.

Ler, escrever, aritmética, são importantes, somente se servirem a tornar nossas crianças seres mais humanos. (ARNON, 2005, p. 24)

Em dezembro de 1940 Korczak e suas crianças foram enviadas para dentro dos muros do Gueto de Varsóvia. Após a Polônia ter ensaiado uma resistência a Alemanha, o número de crianças órfãs não parava de subir.

Espremidos naquele mini-mundo que se tornou o gueto, abrigando judeus de várias procedências, Korczak continuava suas aulas e cuidados dentro de relativa normalidade, aliás, era obsessão sua que as crianças pudessem ter dignidade em meio aquela barbárie. Aproveitando-se da presença de artistas e intelectuais judeus no gueto, convidava-os a dar aulas sobre suas especialidades e encenava peças diversas para as crianças o que fazia com que estas passassem a gostar ainda mais do ambiente do orfanato-escola enriquecido com tanto saber e arte. Conforme citado anteriormente, Korczak tinha uma carreira literária bastante profícua, sendo que o seguinte fragmento ilustra bem o zelo e define o seu pensamento em relação aos seus alunos:

AO LEITOR ADULTO

Vocês dizem:

- Cansa-nos ter de privar com crianças.

Tem razão.

Vocês dizem ainda:

- Cansa-nos, porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado.

Estão equivocados.

-Não é isto o que nos cansa, e sim, o fato de termos de elevar-nos até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las. (KORCZAK, 1981, p. 11)



## QUESTIONAMENTOS

O enunciado do segundo capítulo do livro *Reencantar a Educação* (ASSMANN, 1998, p. 22) inicia desta forma “Hoje, educar significa defender vidas”, para logo a seguir perguntar:

“- Será que ser educador/a é ainda uma opção de vida entusiasmante?”

Este questionamento remete diretamente ao personagem deste artigo quando o imaginamos teorizando e praticando ao mesmo tempo, sem perder o senso crítico. Por muitas vezes transparecia em sua figura pequena e delicada este entusiasmo, esse encanto pela educação. Em meio a adversidades sem fim, ele perseverou no seu ideal de educação para humanidade, juntando a teoria à prática com maestria.

Hoje, do alto das conquistas educacionais e da evolução das ciências, pode-se vislumbrar melhor as motivações e ter uma noção um pouco mais clara das experiências de Korczak, mas, também se pode perceber que algumas questões da época permanecem, principalmente com relação ao papel da educação na formação do indivíduo, e, por conseguinte, da ação deste indivíduo na sociedade.

Alguns setores políticos e grande parte do senso comum atribuem à educação poderes ilimitados para transformar o mundo, ou seja, uma espécie de prática messiânica que curaria todas as mazelas sociais graças ao ingresso e frequência por todo o currículo escolar.

Esta hipótese, embora não seja de todo inverossímil, não é suficiente para abranger o ser humano que se desenvolve de forma não linear, com afinidades e inteligências diferentes, com diferentes ritmos.

Segue no mundo a educação por vezes a serviço de ideologias, de sistemas de governo e de interesses escusos e a questão de que se é possível uma educação que vise o desenvolvimento das capacidades, ou o afloramento livre das mesmas, buscando que o ser humano seja livre de quaisquer amarras, apenas livre para decidir por si, ainda permanece.

O educador de hoje tem em suas mãos muito mais conhecimento acumulado do que a época de Korczak, mas estaria disposto a dedicar-se a salvar vidas, não só como um diretor de orfanato, mas como um mediador, que instiga, que ajuda a construir uma visão crítica de mundo em seus alunos?

## UM TREM PARA TREBLINKA

No prólogo da biografia de Janusz Korczak, a presidente da associação que leva o nome do educador inicia com o título “Janusz Korczak e a esperança perdida”. Isto porque nos dois anos que o orfanato foi forçado a mudar-se para o gueto, pode-se contemplar o ser humano descendo a níveis de bestialidade. A cada semana, o exercito nazista escolhia um ponto do gueto para esvaziá-lo, isto significava levar todos os moradores daquele setor para os trens da morte, para os crematórios de Treblinka.

Korczak lutava, praticamente mendigando entre os judeus que ainda mantinham poucos negócios intramuros por um pouco de açúcar, farinha, qualquer coisa que o ajudasse a manter as crianças alimentadas e vivas. Porém, a intenção da política nazista não era simplesmente encarcerar judeus em Varsóvia, mas sim extingui-los da terra, então, o gueto tornava-se deserto no correr das semanas, com alguns poucos morrendo de fome pelas esquinas, outros atacando seus semelhantes por qualquer pedaço de pão. Korczak presenciava a tudo isso já alquebrado e doente, mas firme em sua luta para manter intacto o oásis infantil no meio do medo.

Em 18 de julho de 1942, Korczak encenou com os atores judeus do gueto uma peça de Tagore, que falava da esperança de um mundo melhor. Os atores e as crianças famintos e maltrapilhos, mas juntos numa relação de público-artista difícil de explicar, atuaram e aplaudiram aquela noite de esperança.

Cerca de duas semanas após a peça, no dia 5 de agosto de 1942, após dois anos de privação e fome e de mudanças e esconderijos em prédios abandonados e destruídos, o orfanato de Korczak virou o alvo da polícia nazista. A polícia do gueto, formada por judeus ainda tentou um estratagema escondendo as pouco mais de cem crianças que haviam restado, mas não funcionou. Os intelectuais e aqueles que ainda se podiam fazer influentes do lado de fora do gueto conseguiram por mais de uma vez um salvo conduto para Korczak, sendo sempre negado por ele. Neste dia novamente surgiu o papel que salvaria sua vida, a que desdenhosamente recusou, preferindo ficar com suas crianças. Alguns que assistiam a cena torciam para que o trem da morte lotasse e que as crianças tivessem mais tempo, mas não aconteceu. Um oficial nazista ordenou que as crianças embarcassem. Korczak foi à frente, levando uma criança em cada mão, em fileira organizada, como hábito da escola, de cabeça erguida, silenciosamente, um protesto silencioso rumo à morte.

Muitos habitantes do gueto choravam diante da figura curvada de Korczak e tudo o que ele representava, causando uma cena tristemente memorável.

Sua marcha silenciosa rumo à morte, de mãos dadas com seus alunos foi interrompida ainda com uma pergunta simbólica de um oficial alemão a um habitante do gueto:

-Quem é este homem?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas vezes as correntes da educação não se delineiam de forma clara e precisa. Ora educa-se para o trabalho, ora para a religião ou algum outro motivo. O que se pode perceber ao longo deste artigo foi a luta de um educador para compreender a criança em suas múltiplas faces, mas não somente isso, ainda que este seja um trabalho imenso. Korczak foi além, pois aliou uma técnica com o afeto, construindo novas relações pedagógicas com aqueles chamados de delinquentes e fazendo brilhar em cada criança pequena abandonada um gosto pelas artes, pelo belo, pois que ele acreditava que estes mundos de beleza eram naturais a criança.

A reflexão que surge diante do exemplo deste educador traz à luz a vocação do professor, o seu papel de mediador e também o impacto que um educador imbuído de um real sentimento de compartilhar experiências pode causar nas vidas de seus alunos.

Korczak viveu em tempos de guerras terríveis e os educadores de hoje vivem outros desafios, mas fica o questionamento de que se estão dispostos a caminhar de mãos dadas com seus alunos para outras estações de aprendizado.

## REFERÊNCIAS

SCHARF, Rafael F. **Como amar uma criança**. 2008. Disponível em:  
<<http://www.rubemalves.com.br/comoamarumacrianca.htm>>. Acesso em 29/06/2012

ARNON, Joseph. **Quem foi Janusz Korczak**. São Paulo: Perspectiva, 2005. 102 p. ISBN 85-273-0735-9

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação**. Rio de Janeiro: 7. Ed. Vozes, 2003. 251p. ISBN 85-326-2024-8

PEÇANHA, Geraldo. **Psicomotricidade Clínica e Escolar**. Simpósio realizado no Teatro do CIEE - Porto Alegre (RS), 24 de abril. 2012

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 146 p. ISBN 978-85-7753-015-1

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Porto Alegre: 1 Ed. L&PM, 2008. 250 p. ISBN 978-85-254-1735-0

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. História da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 291 p. ISBN 978-85-326-0508-5

KORCZAK, Janusz. **Quando eu voltar a ser a criança**. São Paulo: Summus, 1981. 154 p.